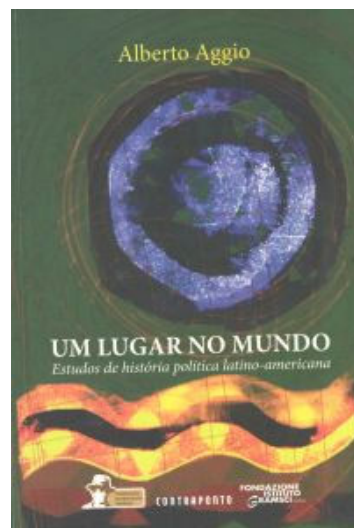


RESENHA

AGGIO, Alberto. Um lugar no mundo – Estudos de história política latino-americana. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pereira (FAP), 2015.



História política, modernidade e revolução passiva na América Latina

BRUNO CESAR CURSINI*

Sobre o autor:

Alberto Aggio cursou graduação em História na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – USP (1982), fez mestrado em História Social na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – USP (1990) e doutorado também em História Social na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – USP (1996). Tornou-se Professor Livre-Docente em História da América em 1999 e desde 2009 é Professor Titular da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Franca. Atuou como professor visitante na Universidade de Valencia (Espanha), onde realizou seu pós-doutorado entre 1997 e 1998. Entre janeiro e julho de 2010 realizou Estágio Senior financiado pela CAPES na Universidade Roma3 (Itália). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Política, atuando principalmente nas seguintes áreas temáticas: história política da América Latina contemporânea, cultura política e democracia, intelectuais e pensamento político, Gramsci e América Latina.

Um lugar no mundo, de Alberto Aggio, é um livro que investiga as possibilidades e singularidades do espaço geopolítico a que damos o nome de América Latina. Tal espaço possui características muito próprias; diversas sociedades que compartilham uma herança ibérica e se ligam por elos múltiplos, compartilhando questões, dilemas e esperanças: buscando, como diz o título do livro, seu lugar no mundo. As reflexões propostas por Aggio tem especial relevância em nosso atual contexto de crise das esquerdas. A ideia de que o comunismo clássico - da forma como foi implantado em Cuba e assimilado por determinadas facções e

partidos do continente – trazia consigo um projeto de ruptura com a modernidade torna-o obsoleto no quadro de tendências de alinhamento político atuais: é um ator que cumpriu seu papel histórico. O que, porém, pode substituir este velho projeto no horizonte das esquerdas? Qual a saída possível? A tentativa de responder a estas e outras questões que giram em torno da mesma temática passa pela análise da história recente. Esta constitui um dos eixos centrais do livro, juntamente com outros tópicos, sejam eles democracia, intelectuais, marxismo, pensamento gramsciano, Chile e Brasil. Estes temas estão distribuídos em dez

capítulos que foram publicados antes em diferentes media, mas que aqui aparecem amplamente revisados e que são a seu modo o panorama de vinte anos de trabalho historiográfico impecavelmente profissional.

“A América Latina nasceu com a modernidade e se vinculou a sua dinâmica histórica, suas crises e destino” (p. 23). Esta situação transformou a Europa do século XIX num referencial para a América Latina, assim como engendrou uma persistente atitude antieuropeia. Foi após a segunda guerra mundial que o modelo norte-americano passou a exercer influência e mesmo um poder excessivo nas sociedades latino-americanas, suplantando definitivamente o europeu tanto na adesão quanto no rechaço. O que o autor sinaliza é que há, hoje em dia, uma potencial reorientação que favorece o modelo oriental – dado o deslocamento do eixo econômico para o pacífico – mas salienta que a capacidade, digamos, da China, em promover uma interação cultural é muito limitada (p. 23).

Há um equívoco generalizado que ganhou força em algumas correntes de análise da segunda metade do século XX: o de se atribuir à influência das grandes nações imperialistas a inteira responsabilidade pelos problemas da América Latina. Isto tira da equação o poder decisório dos povos latinos, assim como desconsidera as peculiaridades e o peso de suas dinâmicas internas. É justamente na contramão deste tipo de análise que Um lugar no mundo segue sua trilha investigativa, tentando ler os fenômenos únicos gestados pelos povos latinos como expressões de suas escolhas, de sua cultura política e da singularidade de seus sistemas democráticos. A modernidade na América Latina foi construída a sua

própria maneira, mas não se pode negar que um dos maiores deficits dessa construção é a fratura entre democracia política e democracia social (p. 26).

É sobre uma dessas construções singulares da modernidade latino-americana que se debruça o primeiro capítulo do livro: o fenômeno a que se convencionou chamar populismo. Sua emergência nesta parte do continente é vista como um traço marcante de nossa expressão democrática, e suas peculiaridades estão ligadas às peculiaridades de um outro conceito que noutras partes (i.e. Europa, América do Norte e mesmo Ásia) teve uma conotação distinta: o de “massas”. Na América Latina o termo “massas” é vestido de uma acepção antes política que social: “‘Massas’, na América Latina, aparece, quase que generalizadamente, como a identificação discursiva de elementos sociais em estado de confrontação com a ordem política estabelecida” (p. 33). “Populismo” foi o nome que se deu a expressão política do movimento modernizador que integrou parcelas significativas das classes populares de diversos países e que se iniciou na década de 1930. Aggio contrapõe recortes analíticos de diferentes pensadores sobre o “fenômeno” populista; desde aqueles que consideraram o desafio da busca por um “tipo ideal” de populismo até os que desenvolveram diferentes subclassificações. A conclusão é de que mais que um conceito, o populismo assumiu a função de uma verdadeira “teoria explicativa” das sociedades latino-americanas, uma que permitiria a compreensão dos intrincados caminhos que trilhou a modernidade na nossa fração do continente (p. 43).

De teoria explicativa para os grupos de intelectuais que aceitaram o desafio de

interpretar e compreender a América Latina a expressão pejorativa e pejorativizante nos veículos de informação de massa, o populismo na visão do autor não seria mais que um construto, um rótulo sob o qual agruparam-se as diversas modalidades de “revolução passiva” que promoveram avanços econômicos bem como uma certa modernização política.

Este é um livro fundamental para entendermos o conceito de revolução passiva aplicado às sociedades latino-americanas, e também para a compreensão da matriz gramsciana que perpassa todo o trabalho de Aggio. Os processos de emancipação das sociedades latino-americanas realizaram-se com forte inclinação para os valores políticos da “ocidentalização”, porém sem certas características – como a existência de um antigo regime e a confrontação de velhas e novas elites, assim como a nossa situação de dependência externa (p. 66-67). Neste contexto o Estado latino-americano assumiu funções muito peculiares, fabricando de cima a classe dirigente e impulsionando as mudanças sociais. Assim, em oposição a uma burguesia frágil e desarticulada, surge uma atuante camada de intelectuais que, vinculadas a este

Estado funcional, exerce um papel preponderante nas transições decisivas da sociedade (p. 71). De fato, se comparada a outras localidades, a opinião pública da América Latina sempre conferiu um papel de destaque aos intelectuais e aqui, como em poucos lugares, os intelectuais não se limitam ao engajamento e a militância, mas se constituem em autênticas lideranças político-sociais (p. 192).

Acreditamos que em nosso momento de efervescência política *Um lugar no mundo* constitui obra de caráter fundamental para uma compreensão ampla e livre de equívocos da realidade que enfrenta o Brasil. Quando Aggio fala em “antirrevolução passiva”, descrevendo-a como “[...] processos de antagonização às formas anteriores de integração e articulação político-social, movido e orientado por atores políticos já estruturados e experimentados nesse ambiente” (p. 80), o paralelismo com o que estamos vivendo é inevitável. O Brasil é parte deste amálgama chamado América Latina e, junto com os outros povos e nações que aqui se estabeleceram, também busca na política as respostas para suas grandes questões, também busca seu lugar no mundo.



* **BRUNO CESAR CURSINI** é formado em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Franca.